
Falação esportiva: o problema heideggeriano da abertura na prática do comentário televisivo¹

Helcio Herbert Neto²
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

A expressão falação esportiva é recorrente em estudos de Comunicação, principalmente nos que analisam a prática do comentário sobre futebol. O propósito deste trabalho é se aprofundar nos usos do conceito na cobertura especializada em esportes na TV. A noção tem implicações políticas e filosóficas decisivas. No entanto, são poucos os esforços para analisar a sua formulação conceitual. O problema da abertura, central no pensamento do filósofo Martin Heidegger, define o horizonte ontológico da aplicação. Apresenta, desse modo, todo um campo de pesquisas. Há, em contrapartida, limites para essa perspectiva.

Palavras-chave

Falação esportiva; Comentário esportivo; Abertura; Televisão; Comunicação

O termo falação esportiva é amplamente aplicado em estudos do campo da Comunicação sobre a cobertura especializada em esportes. Por ter como uma de suas características principais a superabundância, a noção demonstra afinidade com a condição contemporânea da mídia esportiva, com a profusão de programas televisivos que abordam o tema. A perspectiva apresentada por essa expressão permite um entendimento a respeito da prática do comentário esportivo, que dá forma a análises acerca dos principais acontecimentos das diversas modalidades, principalmente o futebol, no Brasil. Sustenta ainda os debates entre comentaristas esportivos, em programas do gênero televisivo das mesas redondas. Embora muito difundida entre pesquisadores, a noção carece de uma discussão conceitual mais aprofundada.

O objetivo deste trabalho é tentar, mesmo que de maneira limitada, suprir essa lacuna. Ao formular conceitualmente a falação esportiva, Eco (1985) reforça o seu caráter fechado. Em contrapartida, quando se propõe a analisar a experiência esportiva, Gumbrecht (2007) reconhece que existe uma abertura. Ambos fazem referência ao

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense.

pensamento heideggeriano, a quem recorreram para elaborar as suas respectivas visões sobre o esporte. Heidegger (1998) reserva, em sua filosofia da linguagem, um espaço especial para o problema filosófico da abertura. É a partir disso que serão enxergadas as pesquisas sobre tema no país.

O conceito serviu de alicerce para investigações sobre os atravessamentos políticos no comentário esportivo. Embora constitua uma maneira peculiar de tratar do assunto, essa prática propicia uma conexão entre o falar sobre esportes na cobertura especializada e tendências políticas, culturais e sociais. Em alguns trabalhos essa inclinação é denominada partidarismo. Por meio do uso da noção de falação esportiva, estudos também se debruçaram sobre gêneros televisivos e a própria abordagem da imprensa. As implicações filosóficas são mais abrangentes por estarem alinhadas com a perspectiva ontológica heideggeriana. Essa dimensão ainda requer mais empenho do campo da comunicação, nem que seja com a intenção de conceber uma crítica. Embora não tenha a pretensão de se atribuir um caráter definitivo, este trabalho está inserido nesses esforços.

Esta pesquisa terá, dessa forma, três partes. A primeira constitui uma breve revisão bibliográfica sobre aplicações do conceito em pesquisas recentes. Será possível confirmar que as dimensões políticas e estritamente de comunicação foram bastante exploradas nessas iniciativas. A segunda se atém à discussão conceitual de Heidegger e de autores que tiveram como referência o filósofo. As visões distintas do esporte que a questão heideggeriana da abertura inspira serão, então, tratadas. A terceira, por fim, pretende apresentar as considerações finais, com os limites com que esse horizonte conceitual se depara e as alternativas para estudos do campo esportivo.

Política, televisão e esportes: usos do conceito em pesquisas de comunicação

A leitura de Eco é o que fundamenta os estudos que se dedicam ao conceito no Brasil. É, portanto, mediado pelo ensaio *A Falação Esportiva* (1985) o contato com a perspectiva heideggeriana. Embora em outro trabalho o autor italiano também tenha se dedicado à cobertura especializada na mídia (1985b), é naquele ensaio que o tema é mais aprofundado. O texto foi publicado no fim da década de 1960, período em que já era grande a mediatização do esporte. A característica mais marcante da programação esportiva que analisa esportes na mídia, de acordo com Eco, é o seu caráter prolixo

(1985). O pesquisador aponta que a falação é o terceiro momento de uma sequência de degenerescências (Ibidem).

No primeiro está o atleta, que embora desperdice energia com uma atividade aparentemente sem finalidade, disputa por si o esporte; no seguinte, está o espetáculo, que não mais se ampara na atitude ativa, mas na observação do que acontece nas competições esportivas, em uma espécie de voyeurismo; por fim, surge a falação, que é o “discurso sobre o esporte enquanto assistido” e, em primeira instância, é proferido pelos agentes que participam da cobertura esportiva na mídia (p. 1985a, p. 223). A retórica dos profissionais que trabalham em veículos especializados em esporte engendra um discurso sobre a mídia esportiva no público. Esse ritual, descrito por Eco, adquiriria tal complexidade que é quase inabalável.

Em suma, a falação esportiva, ao gerar a impressão de ter interesse diante do esporte, confunde praticar alguma modalidade com falar sobre o tema (p. 225). Tal imprecisão, suscitada por comentaristas, é reproduzida pelo público que acompanha a cobertura dos eventos esportivos, segundo Eco. O pesquisador reconhece que o esporte é uma “zona de profunda sensibilidade coletiva” (p. 220). Daí a capacidade de mobilizar multidões a manter as atenções voltadas para os programas na mídia que lidem como o tema. Além disso, Eco nota que nas discussões sobre esporte “se exercitam e se neutralizam as energias intelectuais; as energias físicas não estão mais em jogo” (p. 224). Seria dessa forma que a falação estabeleceria uma competição em nível político. A compreensão sobre a dimensão política é determinante para que sejam abarcados os desdobramentos do conceito.

A falação esportiva se dedica ao que deveria ser feito; ao que foi levado, de fato, a cabo; a como era desejável que os agentes, envolvidos no objeto da análise, tivessem se comportado; e aos prognósticos possíveis a partir do que foi observado. Ao enveredar por essas questões, as discussões travadas pelos comentaristas esportivos, de acordo com o pesquisador, assumem aspectos comumente observados em embates políticos. Ainda segundo Eco (1985a), nessas circunstâncias, o tema das análises deixa de ser a cidade ou os corredores do palácio do governo e passa a ser o estádio e seus bastidores. Com essa dinâmica, ocorre perda de energias e uma espécie de neutralização da competitividade política. No outro texto, Eco explica as consequências da prática em âmbito político: classifica o “fato de se falar do espetáculo esportivo e dos jornalistas que falam sobre o

espetáculo esportivo” como “o substituto mais fácil da discussão política” (1985b, p. 231).

A abordagem sobre o caráter político dos comentários esportivos adota em muitos casos como referência a falação esportiva, embora a noção se refira a uma manifestação política muito peculiar. Sob a nomenclatura de partidarismo, pesquisas indicam os atravessamentos de tendências socioculturais do contexto em que a prática surge. Ao analisar a televisão no Brasil, da segunda metade do século XX às primeiras décadas do terceiro milênio, é possível enxergar a influências políticas em diversos momentos (NETO, 2019). Essa aparência própria da falação esportiva proporciona uma vinculação intensa com a conduta dos torcedores perante os clubes e a seleção brasileira masculina de futebol (Ibidem). A relação dos comentaristas esportivos com a equipe que representa o país em competições internacionais evidencia a identidade nacional, quando esses intérpretes se apresentam como guardiões desse patrimônio brasileiro (NETO, 2020c).

As pesquisas tratam da trajetória do gênero televisivo das mesas redondas esportivas no Brasil. Sustentados por comentários, os programas são reconhecidos como espaços para o debate sobre o futebol, principalmente (NETO, 2019). Ao longo das décadas, devido à escassez de ambientes democráticos na TV e na sociedade como um todo, essas mesas redondas se tornaram tribunas para a discussão da vida social brasileira (NETO, 2019, p. 161). A implicações para a vida dos partidos brasileiros também devem ser consideradas (NETO, 2020a). Apesar de aparecer sob várias feições desde o advento da TV – seja por conta das pautas com os temas a serem debatidos, seja por alterações na configuração dos programas com a presença de números artísticos, com estúdios em cidades diferentes que possibilitam participação simultânea ou com perfis distintos de comentaristas –, o gênero manteve essa condição privilegiada para analisar, argumentar e contra-argumentar diante do esporte (Ibidem).

Sob outro prisma, Hollanda (2013) também analisa as mesas redondas esportivas no Brasil. O autor aponta que as alterações sofridas pelos comentários nesses programas foram motivadas pelo clubismo. Nos primeiros anos da TV no país, a escolha de componentes para as mesas redondas na TV aberta levou em consideração a identificação dos comentaristas com os clubes para os quais torcem (p. 134-135). Posteriormente, o comportamento de torcedor foi inibido em detrimento de uma postura mais neutra em alguns programas de debate na TV (HOLLANDA, 2013). A despeito de

ter sido identificada em outros estudos (NETO, 2019), a relevância da relação com o clube nesses debates televisionados é maior na pesquisa de Hollanda (2013).

A fato mais interessante dessa pesquisa é o uso do termo falação esportivas pelo autor (Ibidem). O conceito é central para que o estudo indique as transformações que ocorreram das décadas de 1950 e 1960 até a consolidação da TV por assinatura no país. Para Hollanda, narrativas sobre a gênese desses programas têm alto teor mitológico: a disposição dos comentaristas das mesas redondas em forma de semicírculo reforça certo caráter democrático, sem hierarquização, que facilitaria o debate (2013, p. 141). Hollanda recorre a histórias do rei Arthur e de sua Távola Redonda para sustentar seu argumento (Ibidem), mas faz a ressalva de que não se trata de uma exclusividade brasileira.

Marques (2002), por sua vez, restringe sua perspectiva ao horizonte mais limitado do jornalismo esportivo. Seu artigo também usa como referência a noção de falação esportiva. De acordo com o autor, o olhar de Eco para o esporte tem a função de chamar atenção para “o fato de que o esporte elevado à enésima potência (o discurso da imprensa esportiva sobre si mesma) só serve para referendar o sistema vigente. A ideia da alienação, normalmente atribuída aos jornalistas esportivos, sempre esteve ligada a esses profissionais” (p. 8). No entanto, segundo Marques, o crescente interesse publicitário e, por conseguinte, da imprensa pelo esporte seria um contraponto para a perspectiva do escritor italiano (Ibidem).

O enquadramento profissional do jornalismo é limitado porque compõem a cobertura esportiva intérpretes com repertórios distintos, como membros da comunidade esportiva em atividade ou aposentados (NETO, 2019). O caso das mesas redondas esportivas é exemplar, já que nas discussões televisionadas interagem comentaristas de origens muito diferentes (NETO, 2018). Marques (2002) reafirma a relevância do esporte simultaneamente com argumentos sobre mitologia e política. Se por um lado os eventos esportivos fazem com que os personagens ali envolvidos adquiram halo mítico em uma sociedade em que a dimensão do sagrado perdeu espaço para os aspectos mundanos (p. 13), por outro a retórica esportiva compartilha expressões do mundo político (p.18-19).

O problema da abertura, entretanto, não é abordado. No ensaio de Eco mencionado por todos esses trabalhos mais recentes, a discussão sobre a falação é conectada ao debate sobre o fechamento do horizonte esportivo (1985, p. 225): “A falação é o modo cotidiano pelo qual nós somos falados pela linguagem preexistente em vez de amoldá-la para fins de compreensão e descoberta. E é um comportamento normal. Para

ela, porém, o que importa é que se fale” (Ibidem). O termo é apropriado a partir do léxico heideggeriano, mas o autor indica que certamente Heidegger não pensava em uma negatividade tão intensa quanto a que pode ser observada no contexto dos esportes (Ibidem). Então, no cotidiano esportivo, o conceito é caracterizado pela inação, por uma incapacidade de se comunicar.

É permitido inferir que a falação esportiva está distante ontologia fundamental, outra noção central para o pensamento do filósofo alemão. Eco, em seguida, descreve como se dá a comunicação rotineira sobre esportes: “Fazemos discursos fáticos indispensáveis para manter uma ligação constante entre os falantes; mas os discursos são fáticos justamente porque mantêm em exercício a possibilidade de comunicação, para fins de outras e substanciais comunicações” (1985, p. 225-226). Apesar das aparentes interações, os diálogos são uma lacuna comunicacional, desprovidos de conteúdo. Para caracterizar o conceito, o autor utiliza uma metáfora da comunicação de massa que lhe era contemporânea – “Essa função se hipertrofia, temos um contato contínuo sem qualquer mensagem. Como um rádio ligado fora de sintonia, com um ruído de fundo e algumas descargas, nos avisando que estamos, claro, numa certa comunicação com algo, mas não nos permitindo ficar sabendo” (p. 226).

Como, na leitura de Eco (1985), praticar esportes é uma atividade que pode ser compreendida como desperdício, por se desviar de uma finalidade mais bem delimitada, falar sobre o tema é uma dissipação de energia ainda mais grave. A questão do fechamento na comunicação esportiva e, de maneira mais abrangente, diante da experiência ao presenciar as disputas das mais diversas modalidades é recorrente entre intérpretes que analisam o esporte à luz da filosofia de Heidegger. No entanto, não há um consenso sobre esse caráter inócuo, tal como caracterizado por Eco. É imprescindível investigar a abordagem de outros pesquisadores, bem como do próprio filósofo e de seus comentadores, para depreender com mais profundidade essa questão. É a isso que se propõe a próxima seção.

Abertura ou fechamento?: olhares heideggerianos acerca da experiência esportiva

Outros estudiosos sobre esporte sofreram influência do pensamento heideggeriano. Scannel (2014) parte dessa perspectiva filosófica em seu trabalho sobre a televisão. Com uma interpretação acerca dos jogos pan-helênicos da Antiguidade,

Gumbrecht (2007b) conjectura que a observação dos atletas, considerados então semideuses devido às suas vitórias, podem ter inspirado Heidegger a elaborar algumas de suas mais conhecidas formulações, como o desvelamento do Ser e o acontecimento da verdade (p.13). O legado dessas competições é ainda hoje reivindicado pelas Olimpíadas modernas. A questão sobre a existência de algo em contraposição ao nada, primordial para a filosofia heideggeriana, também poderia estar presente em vivências esportivas, de acordo com Gumbrecht (p. 17).

Os argumentos do pesquisador (2007a) são significativos para este trabalho e merecem ser analisados com rigor. Ao estabelecer os parâmetros para um elogio à beleza atlética, o autor explica de modo mais detalhado a sua aproximação com o universo esportivo. Diferentemente de Eco, que cria uma hierarquia entre o atleta e o espectador, o autor enxerga semelhanças entre as atitudes de ambos: “Grandes atletas compartilham com os espectadores mais concentrados essa atitude de tranquilidade. Mas no caso dos atletas a serenidade é uma pré-condição para a sua capacidade de *fazer* as coisas acontecerem, em vez de *deixar* que as coisas aconteçam” (p. 47, grifos do autor). De acordo com Gumbrecht, a concentração, então, é uma disposição fundamental na experiência esportiva, “talvez essa condição seja mais bem descrita na forma de um paradoxo: os grandes atletas fazem as coisas acontecer quando deixam as coisas acontecerem com eles” (p. 47 - 48).

Mais uma diferença: Gumbrecht não enxerga o esporte sob a perspectiva do fechamento – “Sinto-me atraído para uma abertura em relação ao mundo material que me cerca, para uma abertura que faz meu arbítrio e minhas reivindicações de ação parecerem apenas marginais, vagas, quase aleatórias” (2007a, p. 48). A experiência esportiva promove, dessa forma, uma conexão profunda. O autor se dedica menos ao comentário, embora relacione a importância dos comentaristas nos Estados Unidos com a rede de educação no país (p. 24) e destaque os desdobramentos da prática, como a inserção de todo um vocabulário mais técnico, na rotina dos espectadores na atualidade (p. 155).

Até aspectos da vida urbana são examinados com as lentes do pensamento do filósofo por Gumbrecht (2007a). Ao se questionar por que estádios são mantidos em áreas valorizadas e centrais de grandes cidades, o autor propõe que essas construções se constituem como espaços em que são experimentadas vivências muito intensas. Para sustentar essa hipótese, busca referência no pensamento heideggeriano: “Estádios materializam esse contraste ontológico definitivo, e nos tornam parte dele. Durante a

semana, enquanto estão fechados, os grandes estádios são o único lugar, na efervescência da cidade, em que nada acontece. Mas em dia de jogo enchemos o estádio” (p. 159).

É necessário, após expor argumentos de alguns de seus leitores, traçar um panorama do problema da abertura no pensamento do próprio Heidegger. Esse é um ponto que compõe a obra do autor e que exige atenção especial para a sua discussão ontológica. O objetivo aqui não é fazer um exame pormenorizado da bibliografia legada pelo pensador, mas identificar influências em pesquisas a respeito do esporte. Lacunas nesse sentido constituem um amplo campo de atuação acadêmica, que deve ser preenchido por outros trabalhos. Com o intuito de designar essa questão heideggeriana, serão apresentadas as considerações do filósofo acerca da função dos poetas (2002). Em seguida, interpretações de comentadores da filosofia da linguagem heideggeriana serão mencionados para contextualizar as formulações, mesmo que de forma incipiente.

O problema filosófico da abertura em Heidegger introduz os leitores ao seu pensamento, de maneira mais abrangente. A crítica heideggeriana à metafísica, que atravessa o trabalho sobre os poetas, tem consequências para a própria concepção de homem. Em vez de recorrer a um mundo suprassensível ou platônico, o filósofo tem como interesse o Ser – derivam disso as reiteradas referências à ontologia. A questão do homem se apresenta de modo mais decisivo no contexto contemporâneo ao escritor, com o avanço da tecnologia e com o distanciamento de crenças que dessem conta da realidade como um todo. O filósofo diagnostica, assim, que “o homem encontra-se em frente ao mundo. Ele não habita diretamente na corrente e no vento da conexão completa” (2002, p. 329).

O enviesamento do olhar faz com que o homem esteja distante da compreensão mais profunda do que verdadeiramente existe: “As construções cegas, sem imagem, da produção técnica impedem o acesso ao aberto da conexão pura. As coisas outrora crescidas desvanecem depressa. Elas deixam de poder mostrar a sua própria identidade através da objetivação” (p. 334). A própria relação entre sujeito e objeto, que rege a interação com a natureza, parte de uma forma de cognição insuficiente e fragilizada. Em decorrência dessa percepção, toda a produção técnica colabora para manter aquele distanciamento. “O homem constrói o mundo, tecnicamente, como objeto, ele tapa, voluntária e completamente, o caminho para o aberto, o qual já se encontrava, aliás, impedido. O homem que se impõe é o funcionário da técnica”, assinala Heidegger (p. 337).

Acontece, então, um fechamento para a ontologia. Embora esse seja o quadro mais rotineiro, há na paisagem a possibilidade da abertura. A partir de poemas, principalmente de Rainer Maria Rilke, Heidegger (2002) reconhece que essa interação não é infecunda e estabelece uma relação com o Ser de certa forma. O filósofo detalha o que seria esse aberto, tão caro ao seu pensamento: “Não restringe porque está intrinsecamente livre de todas as restrições. O aberto é a grande totalidade de tudo aquilo que não está restringido” (p. 326). É permitido identificar que é, nesse sentido, onde residem todas as possibilidades, ao contrário do que é a constante no discurso corriqueiro.

A caracterização do aberto prossegue: “Contudo, também o nome aberto se apresenta, enquanto nome metafísico e tal como o termo risco, num sentido ambíguo. Ele tanto significa a totalidade dos nexos ilimitados da conexão pura, como a abertura no sentido da ilimitação que em tudo vigora” (p. 327). A experiência da abertura é a chave para a formulação da ontologia fundamental. “Aberto deixa entrar. Mas deixar entrar não significa: permitir a entrada e o acesso ao encerrado, como se algo encoberto se devesse descobrir para assim surgir como não estando encoberto. Deixar entrar significa: recolher e integrar na totalidade obscura dos feixes da conexão”, classifica Heidegger (p. 327).

Por fim, a filosofia heideggeriana ressalta que abertura é o que torna possível, unicamente, o desvelamento do Ser: “A relação para com o aberto (se é que se pode falar ainda de um ‘para com’) é um entrelaçamento inconsciente no seio do ente, caracterizando-se meramente pelo processo de ser puxado e de intencionar” (p. 329). Para a finalidade deste trabalho, é isso que determina, no limite, a diferença entre as leituras de quem observa na experiência esportiva a abertura e aquelas que notam na falação esportiva o fechamento. O pensamento heideggeriano lança luz sobre a tradição filosófica europeia para sustentar a sua concepção de ontológica.

Eilenberger (2019) investiga visões filosóficas decisivas para os séculos XX e XXI que ganharam espaço na década de 1920, dentre as quais consta a heideggeriana. O autor sublinha que a proposta de Heidegger se contrapõe à tradição do pensamento ocidental e identifica a qual tarefa os seus textos se lançam: “Libertar seu país, sua cultura e toda a sua tradição, enfim, do maligno feitiço moderno da filosofia do sujeito e da teoria do conhecimento, de sua pura racionalidade calculadora e sua fixação pelas ciências naturais” (p. 99). A própria abordagem cognitiva, que parte do binômio sujeito-objeto em contato com o mundo, constituiria esse erro. “Ele enxerga os ocidentais, como totalidade, presos em uma abordagem do mundo e uma autoimagem fundamentalmente falsas. O

olhar para a realidade lhes está desfocado por uma apropriação sem questionamentos de concepções erradas” (Ibidem).

Eilenberger demarca qual é a principal crítica ao pensamento ocidental em Heidegger: “Aquilo que está dado primordialmente não é a realidade, mas *um* mundo circundante. Esse mundo circundante que “mundeia” [*weltende*] sempre é uma totalidade originalmente significativa de referências” (p. 105, grifos do autor). São esses os indícios que viabilizam a abertura. “Se forem seguidas de maneira coerente, apontarão ao mundo inteiro do significado. Segundo Heidegger, esse tipo específico de circunstância do mundo deve ser focalizado novamente sob um olhar filosófico. Pois na realidade esse olhar foi desaprendido” (EILENBERGER, 2019, p. 105).

Safranski (2007), outro comentador, sintetiza o seu legado da seguinte maneira: “[Heidegger] desenvolveu a filosofia do *dasein* (ser-aí) que existe sob um céu vazio e sob a força de um tempo que tudo devora, e que é dotado do talento de esboçar a sua própria vida. Uma filosofia que interpela o indivíduo em sua liberdade e responsabilidade” (p.17, grifos do autor). Acima de tudo, continua Safranski, é um pensamento que “leva a morte a sério. A questão do ser no sentido heideggeriano significa levantar o *dasein* como se levanta âncora para partir, aliviado, em direção ao mar aberto” (Ibidem). Sob esse viés devem ser encarados os seus conceitos também, como no caso da abertura.

As formulações elaboradas por Heidegger a respeito dos poetas, no entanto, estão inscritas em um período específico. O trabalho foi publicado em 1949, quando já parecia afastado de muito de sua filosofia da juventude e projetava as implicações da sua ontologia. Safranski (2007), ao analisar os estudos da segunda metade da década de 1940, indica que nesse contexto o problema do Ser ainda tinha centralidade. O impasse na relação com o mundo prosseguia, a interação com a realidade não poderia ser compreendida a partir do ideal de representação – “Primeiro nós vivenciamos o nosso ser-no-mundo. O ser-em é o critério e o primário. O ser-em afinado, intimidado, entediado, preocupado, ocupado, atordoado, devotado, extático. Só sobre o pano de fundo do ser em inicial pode acontecer algo” (p. 427).

Considerações finais

Gumbrecht reconhece que suas reflexões acerca do universo esportivo se aproximam de uma visão religiosa, não obstante reforce que não professa nenhum credo

(2007a). Simultaneamente, não há grande destaque para os processos esportivos fora da Europa em seus estudos, como o autor mesmo sublinha (Ibidem). Ao dar cabo ao seu elogio da beleza atlética, identifica ainda que, na história das civilizações, o que é chamado hoje de esporte sofreu muitas descontinuidades, mas não reforça quais seriam essas rupturas, nem no período mais recente. O pesquisador denomina a fase de Era de esportistas e atletas, desde o século XIX até o terceiro milênio (p. 95). Heidegger, em contrapartida, inicia sua trajetória acadêmica com forte inclinação cristã e, com o passar dos anos, mantém uma firmeza irredutível diante de sua perspectiva ontológica (SAFRANSKI, 2007). Em ambos, são oferecidas paisagens estáveis, menos dinâmicos.

A filosofia devota o seu empenho, principalmente, aos conceitos. O entendimento dos horizontes conceituais propostos pelas noções filosóficas é imprescindível para a compreensão dos desdobramentos de seus usos. Este trabalho pretendeu demonstrar as consequências da utilização da expressão falação esportiva. Muitos esforços acadêmicos recentes para investigar a relação entre o comentário esportivo e nuances sociais e políticas recorrem ao termo. Essas aplicações, porém, precisam levar em conta o problema da abertura, presente na filosofia heideggeriana. Se como falação esportiva for compreendida uma modalidade estéril de comunicação, essa vinculação se demonstra frágil. Caso o conceito dê conta de uma forma aberta de se comunicar, a falação esportiva torna possíveis relações mais amplas com aspectos fundamentais da vida.

Dada a sua aderência na realidade política, social e cultural do Brasil, o comentário esportivo na televisão se aproxima mais de uma dinâmica aberta. As análises, palpites, previsões e críticas dos comentaristas expostos estão atrelados ao cotidiano do país. Nomes da literatura nacional, de verve poética, tornaram-se mais conhecidos pela prática. O caso mais famoso é o do dramaturgo, escritor e comentarista esportivo Nelson Rodrigues. Essa não é, contudo, uma idealização: por terem alcance muito extenso, os comentários dialogam, no contexto brasileiro, com a cultura popular intensamente (NETO, 2019). A dimensão visual também contribuiu para a sua popularidade no Brasil. Embora a foco seja o comentário na televisão, as considerações acima podem servir a estudos sobre a prática em outros *media*, como no rádio.

O repertório dos comentaristas e os temas em discussão obedecem a uma ordem semelhante às dos comentários televisivos. A discussão sobre a falação esportiva permite observar de outro prisma as mesas redondas esportivas, programas em que a prática é

fundamental. Essa afirmação só é possível por meio de uma revisão bibliográfica e, principalmente, com um olhar atento para as interpretações a partir de Heidegger. É interessante ressaltar que há poucas referências diretas às atividades esportivas em geral no trabalho do filósofo e, em especial, na pesquisa sobre os poetas, observada na seção anterior. Não obstante, o prestígio de seu pensamento a partir de meados do século XX foi muito grande.

Nas pesquisas aqui mencionadas, os olhares heideggerianos se multiplicaram, apesar de nem todos os estudiosos que aplicaram o conceito de falação no horizonte esportivo terem discutido ou se interessado pelas origens da expressão. Perante esse impasse, os estudiosos precisam estar atentos a elementos pouco observados na filosofia, aspectos que podem colaborar para a compreensão a respeito dessa influência. Dados biográficos, a despeito de não representarem uma atitude primordial para a compreensão do conceito de abertura, podem colaborar para a compreensão do conceito. Não especificamente a referência ao fato de que Heidegger assistia a partidas de futebol e era fã do jogador Franz Beckenbauer, da então Alemanha Ocidental (SAFRANSKI, 2007, p. 495).

Mas, propriamente, as suas conexões ideológicas: o filósofo fez elogios, sob pretextos filosóficos, à ascensão do nazismo no país (SAFRANSKI, 2007, p. 293) e assumiu a reitoria da Universidade de Freiburg durante o período em que a educação alemã esteve sob o comando de Adolf Hitler (EILENBERGER, 2019, p. 413). Conforme Safranski, seu biógrafo, registra, “é uma triste ironia da história das influências que a questão do ser em Heidegger tenha em geral perdido esse impulso libertador e ‘aliviador’, deixando o pensar intimidado e, pelo contrário, crispado” (2005, p. 17). Os pesquisadores que citam conceitos heideggerianos necessitam ter conhecimento desses aspectos que, em um contexto de crescente autoritarismo e ameaças democráticas pela extrema direita, são ainda mais pertinentes no Brasil.

Isso, é claro, não impede que haja referências, em pesquisas esportivas ou de outras áreas acadêmicas. A estabilidade heideggeriana, contudo, aparenta não comportar as várias camadas da experiência esportiva. As constantes transformações requerem uma concepção mais atenta às especificidades de cada contexto, em cada recorte temporal. Pesquisas a partir de olhares da História, conseqüentemente, estariam mais habilitadas para dar conta das variações e constituiriam uma alternativa. A perspectiva histórica precisa assumir, perante o esporte, uma disposição atenta às discontinuidades (NETO,

2020b). Essa opção permitiria que esforços sejam concentrados em questões políticas, culturais e sociais em torno das modalidades e do universo esportivo em geral. O comentário esportivo também se beneficiaria desse procedimento histórico.

As considerações apresentadas só foram possíveis por meio de uma atitude transdisciplinar. Foi preciso haver diálogo entre campos aparentemente distintos, como os da Comunicação, da Filosofia, da História e da Sociologia. Isso incrementou a argumentação e confere mais conteúdo a discussão, que foi apenas iniciada. Os debates sobre falação esportiva, abertura e fechamento podem contribuir para futuras pesquisas. As abordagens heideggeriana e histórica, cada qual de sua maneira, também estabelecem perspectivas para novos estudos. A proposta deste trabalho era exatamente essa, colaborar para as pesquisas sobre o esporte no Brasil.

Referências bibliográficas

ECO, U. A Falação Esportiva. In ECO, U. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985, p. 220-226.

ECO, U. O Mundial e suas pompas. In ECO, U. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985, p. 227-233.

EILENBERGER, W. **Tempo de Mágicos: A grande década da filosofia | 1919-1929**. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

GUMBRECHT, H. U. “**Perdido numa intensidade focada**”. *Aletria*, Belo Horizonte, v.15, p. 11-19, 2007.

HEIDEGGER, M. Para que poetas?. In HEIDEGGER, M. **Caminhos de Floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

HOLLANDA, B. B. B. Mesas-redondas: da falação esportiva ao futebol falado. In HOLLANDA, B. B. B. *et alli*. **Olho no Lance: Ensaios sobre Esporte e Televisão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 120- 147.

MARQUES, J. C. A Falação esportiva (O discurso da imprensa esportiva e o aspecto mítico do futebol). In XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...** Salvador, 2002, p. 1-22.

NETO, H. H. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidatismo no comentário esportivo na TV. In I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás (UEG). **Anais...** Uruaçu, p. 46-63, 2020.

NETO, H. H. Liberdade Interpretativa e Jornalismo Esportivo no Brasil: um Universo para Pesquisa. In VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano, 2018. **Anais...**, Niterói, p. 532-541, 2018.

NETO, H. H. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, Genealogia e História. **Revista Aproximação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19-36, 2020.

NETO, H. H. Neymar Challenge: Mesas Redondas Esportivas na TV sob Desafio. **Revista GEMInIS**, São Carlos (UFSCar), v. 10, n. 3, pp. 55-76, 2020.

NETO, H. H. **Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SAFRANSKI, R. **Heidegger – Um mestre da Alemanha entre o bem e o mal**.

São Paulo: Geração Editorial, 2005.

SCANNEL, P. **Television and the meaning of live**. Cambridge: Polity, 2014.